

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: Neotrópicos 636

Data: 02/10/84 Pg.: _____

IPADU

Planta da paz PARA OS ÍNDIOS

Coisa do demônio PARA A POLÍCIA

Reginaldo Manente/Agência Estado

Roberto Fernandes

TEFÉ, AM — Álvaro, líder dos índios Tucano, do Alto Rio Negro, ao saber que a Polícia Federal está vasculhando as margens do Rio Solimões, no coração da Amazônia, em busca de plantações de ipadu — uma das 250 espécies de cocaína — reagiu: “Cocaína? Cocaína é uma coisa branca que branco come pelo nariz. Ipadu é a folha que índio come pela boca desde que índio existe.” A perplexidade de Álvaro, filho do cacique Casimiro, é a mesma dos caboclos do Solimões quando avistam a lancha Tubarão, da Polícia Federal, recheada de homens com metralhadoras.

“Cocaína?” — indaga assustada D Isaura Barbosa Colheantes, 40 anos, 5 filhos. “O padre me disse que isto é coisa do demônio.” D Isaura responde mascarando o ipadu, enquanto varre as ruas de Tefé, município a 516 kms de Manaus, onde só é possível chegar de barco ou avião. Com os dentes em cacos, aparentando 20 anos a mais do que tem, Dona Isaura não sabe que a cocaína é o ipadu refinado como cloreto, sulfato ou pó de cocaína pura, antes de chegar aos consumidores já com outros ingredientes: naldecon (analgésico), talco, bicarbonato, anfetamina e até giz escolar.

Em Tefé, cidade onde o Prefeito Francisco Bessa, do PDS, ao assumir organizou um “mutirão de limpeza durante 62 dias para extinguir 1 mil 500 focos de lixo” e a lixeira, D Isaura, enquanto varre, enxota urubus que, como as galinhas, ciscam pelas ruas. “O ipadu não chega a ser um problema”, diz o Bispo Dom Mário Neto. Para ele, “a pinga é o maior problema dos fiéis”.

Seiscentas famílias de Tefé, como o restante da região, trabalham na cultura da mandioca, que, com o peixe abundante, se transforma em alimentação básica. Tendo o Ipadu como “uma parte de sua cultura”, como admite o comandante da operação de

rastreamento e extinção da folha, o delegado da Polícia Federal, Carlos Alberto Cardoso, os caboclos “não vêem mal algum em vender as folhas, que abundam em suas roças, por até 1 mil a lata, enquanto a mesma quantidade de farinha é vendida por Cr\$ 200”, diz o delegado.

“Minha bisavó já comia”, recorda-se D Isaura. Muito antes disto, entre os anos 1539 e 1560, os exploradores espanhóis Carvajal Orellana, Pedro de Ursua e Lopo Aguirre, ao cruzarem o vale do Amazonas, anotaram em seus manuscritos, hoje espalhados pela Biblioteca Nacional de Paris e no Arquivo General de Indias, em Sevilha, a existência e o farto consumo da planta pelos 6 milhões e 700 mil índios que habitavam a Amazônia.

Até a entrada de colombianos e peruanos na selva brasileira, em final de 1982, para incrementar o plantio dos caboclos e ligá-los a uma rede de traficantes de cocaína, o ipadu “sempre foi instrumento sagrado e de troca entre os índios e os caboclos”, conta o cacique Álvaro. “Nossa cerimônia de troca de presentes — o dabucuri — e as caminhadas pela selva sempre foram feitas com o ipadu, planta que dá inteligência e paz”, afirma o líder Tucano.

Em Manaus, o historiador José Ribamar, que faz tese de doutorado sobre os índios da Amazônia na Escola de Altos Estudos Sociais de Paris, opina: “Acho que a polícia realmente deve se preocupar com o problema, porém, creio que mais importante que o ipadu são os traficantes soltos que estão transformando a selva, que sempre foi mercado de troca do ipadu, num centro de produção da cocaína”. Ribamar, puxando pela história, afirma: “A foz do Juruá, onde ocorre o grosso do tráfico, há 2 mil anos era ponto de encontro das nações indígenas”. Segundo o historiador, “lá se reuniam, para trocar ervas medicinais, acontecimentos mágicos, histórias e drogas, entre elas o ipadu, todas as nações, inclusive os Jivaros”, celebrizados pelo hábito de decepar cabeças.



Dona Isaura Barbosa Colheantes, funcionária da Limpeza Pública em Tefé, mascarando ipadu